

**MULTICULTURALISMO E ENSINO RELIGIOSO: ANALISANDO  
CONCEPÇÕES DE DUAS PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Tiago Esteves Aranha (UFSCar)  
André Luiz Sena Mariano (UFSCar)

Assumindo a religião como uma das categorias a partir das quais questões de diversidade e diferença se constroem no interior das escolas, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como professores que ministram a disciplina de Ensino Religioso, em escolas do município de São Carlos, lidam com as questões de diversidade e diferença em suas aulas. A pesquisa teve como procedimento para a coleta de dados a entrevista com roteiro semi-estruturado. Dela participaram duas professoras que trabalham em escolas confessionais e ministram a disciplina Ensino Religioso para os anos iniciais do ensino fundamental; uma é iniciante na carreira, enquanto a outra possui mais de quinze anos de carreira construídos na mesma instituição. Os resultados obtidos podem ser apresentados das mais variadas formas e temas, contudo, aqui, são apresentados os dados referentes às concepções das professoras entrevistadas sobre temáticas tais como: a) o direito dos alunos à diferença no âmbito da religião; b) a relação entre a religião e as questões de gênero (ênfase no papel da mulher); e c) sobre o ensino religioso pautado na História das Religiões, a fim de evitar o proselitismo. Como considerações finais, é possível salientar que não se pode pensar a religião sem antes fazer referência às relações de poder que agem sobre os sujeitos e sociedades. Desta forma, ao mostrar as relações que se constroem no âmbito religioso, cria-se nos alunos um senso crítico que busca encontrar as raízes dos problemas. Ao buscar uma educação que tenha uma perspectiva inter/ multicultural, tende-se a ressaltar o caráter conflitivo das práticas culturais, fato que pôde ser verificado nas discrepâncias dos depoimentos das professoras. Esse talvez seja o ponto de maior destaque do trabalho: trazer mais questionamentos que respostas, desconfiar, problematizar e desconstruir os consensos.

Palavras-chave: multiculturalismo – ensino religioso – concepções docentes

Em nosso país atualmente assistimos, como em muitos outros lugares do planeta, ao fenômeno da globalização. Esse fenômeno mundial tem provocado efeitos em nossas identidades culturais, bombardeando-nos com informações, tentando assim, estabelecer uma cultura global única e hegemônica. Nela estão contidos os ideais e a lógica das culturas dos países desenvolvidos, detentores dos meios de produção mundial. Ao encararmos o fenômeno da globalização, é necessário pensá-lo não somente como um fenômeno econômico, mas também multicultural “e constatar como as culturas entrelaçam, mesclam, hibridam e também como elas se rejeitam, até mesmo fanaticamente” (PERESSON, 2006, p. 84).

Na globalização nem tudo é só perversidade, pois por meio dela podemos ser capazes de conhecer, reconhecer e valorizar a riqueza cultural do mundo; porém, ela se

funda em três grandes marcas: o individualismo, o consumismo e a eficiência. Tais marcas são fruto de uma tirania de mercado e de uma uniformização de toda a diversidade cultural.

Essa cultura “da moda” globalizada

[...] não respeita nem promove a identidade e a diversidade, mas a uniformidade e o mimetismo; não se baseia no diálogo entre sujeitos culturais, mas na passiva recepção de modelos de vida e formas de pensamento impostos pela *indústria cultural*. (PERESSON, 2006, p. 64).

A globalização conta ainda com a “compressão espaço-tempo” (HALL, 2005), pois por meio dela um acontecimento chega a distâncias longínquas do epicentro, em questão de segundos. Essa compressão causa impacto sobre os modos de viver, os costumes e principalmente as culturas.

Nesse contexto, a religião é vista como um dos componentes da constituição de uma cultura e também está sofrendo intervenções globalizadas que modificam a relação dos indivíduos com o transcendente. E a diferença passa a servir como mecanismo de inferiorização daquele que não segue a crença dominante ou não acredita em uma supremacia divina nos moldes postos pelo Cristianismo, ou seja, no que se refere à religião, o que vale é o apagamento das diferenças.

## **COLETA DE DADOS**

A pesquisa teve como procedimento para a coleta de dados a entrevista com roteiro semi-estruturado. Dela participaram duas professoras atuantes em escolas do município de São Carlos/SP – Laura e Rita (nomes fictícios). Ambas trabalham em escolas confessionais e ministram a disciplina Ensino Religioso para os anos iniciais do ensino fundamental. Rita é iniciante na carreira, enquanto Laura possui mais de quinze anos de carreira construídos na mesma instituição.

As entrevistas foram gravadas com a autorização das professoras, transcritas, devolvidas para as entrevistas e, só então, os dados foram cotejados com a literatura.

Passamos, a seguir, a apresentação de alguns dos dados, com o objetivo de identificar e analisar de que maneira as professoras se posicionam sobre algumas questões de diversidade e diferença na sala de aula, tendo como pano de fundo a questão do ensino religioso.

Sabemos, entretanto, dos imperativos de um texto com essa extensão e por isso, fizemos um recorte intencional – talvez, não o melhor – dos dados obtidos. Nossa análise é, portanto, mais exploratória que exegética, uma vez que a pesquisa ainda se encontra em andamento.

## **O QUE PENSAM AS PROFESSORAS**

Apresentamos, nesta parte, alguns itens, tais como: conhecimento sobre a diversidade religiosa presente na sala de aula, mulher e religião etc.

Quando questionadas sobre as informações acerca das religiões dos alunos, Laura assim responde:

Essa questão - qual é a religião que eles professam? - mesmo tendo acesso aos arquivos da escola, na sala de aula, eu costumo perguntar. Para quê? Para não causar espanto em ninguém, até nos pequenos. Olha, primeiro eu descubro, depois eu falo, dentro do assunto da aula, 'ah, você, tal aluno, você não é católico, é de outra religião, como é na sua religião?', para ter essa troca de experiência entre eles.

Para Rita:

É assim: como a escola é uma escola que já tem o nome 'católica', dificilmente os alunos não são católicos e quando eles não são, os próprios pais – nós temos alunos não católicos na escola e isso é muito gostoso – eles já falam que “não somos católicos” com tranqüilidade. Então, normalmente a gente já conhece os alunos, por isso eu não pergunto. Eu não pergunto se tem criança de outra religião.

Mesmo havendo uma divergência entre uma professora e outra, ambas permitem que haja troca de experiência entre os alunos de diferentes religiões, pois, como sugere Candau (2001), a diversidade deve ser vista como algo que enriquece a prática pedagógica.

Para compreender o outro, exige-se, antes de tudo, uma abertura ao diálogo, a fim de interpretar o sentido das palavras. Do educador exige-se “não apenas um aprimoramento dos conhecimentos teóricos sobre religiões, mas um aperfeiçoamento de sua sensibilidade face ao enigma das religiões” (TEIXEIRA, 2006, p.74).

Sobre a possibilidade de o Ensino Religioso ser pautado na História das Religiões, Rita assim fala:

Eu acho que fica muito preso. Não dá essa abertura para a criança trabalhar mais a religiosidade. Não que não seja interessante, importante, mas enquanto formação é estudo, é história isso é legal. Mas, eu não acho que deva ser apenas pautado nisso. A religiosidade humana é o principal no Ensino Religioso e aí podendo e interessando entrar com a história da religião...

Percebemos que, para ela, a religiosidade é inerente ao Ensino Religioso e deve ser o foco central de trabalho na disciplina. Laura, no entanto, diz:

É essencial trabalhar aí as histórias das religiões, é essencial trazer os contextos históricos, dificuldades das diversas religiões e buscar não o que é de comum, mas estabelecer esse diálogo inter-religioso, o que é bom nessa religião, mas que também existe nessa, mas que é colocado de forma diferente, então descobrir o que é similar às religiões e o que elas querem do ser humano. Eu acho que isso é bastante interessante e, além disso, você vai buscar o respeito, conhecer para respeitar.

O que Laura nos mostra é que, ao conhecer a história de uma determinada religião, aprende-se muito não apenas da religião em si, mas de toda a história de um povo, de uma cultura. A religião é decorrente da ação humana, portanto ela não é imune à história. Desta forma, ela resulta de conflitos, lutas de poder que a configuram até o presente momento. Estudar a história é um grande passo para que se possa criar um diálogo inter-religioso que promova o reconhecimento do outro não como desigual, mas como diferente. Além disso, ao ensinar história das religiões, resgata-se tudo o que fora relatado sobre aquela religião.

Sobre a relação mulher e a religião, Rita diz:

Eu acho que a mulher tem um papel bem ativo, ela acaba participando bastante quando a gente fala de religião. Na maioria das vezes costumam ser as mães que normalmente querem levar o filho em uma igreja, em qualquer igreja normalmente. Dentro da Igreja Católica as mulheres não estão presentes ali no clero diariamente, mas elas estão em muitos outros serviços que não aparecem que sem eles ficaria difícil. Tem os grupos de orações, a assistência, a catequese, tem trabalhos de caridade, o asilo. A maioria deles são organizados pelas mulheres, orfanato e outras coisas que se fazem.

Já para Laura:

Essa é uma polêmica, principalmente, dentro da Igreja Católica porque traz aí uma herança do judaísmo, do patriarcalismo, em que certas funções cabem aos homens e às mulheres não; e isso é muito questionável hoje. Por que é só o padre homem? Por que não há mulher na celebração? A mulher está assumindo o seu papel até mesmo dentro da própria religião, mas a gente encontra muita barreira nesse tradicionalismo da Igreja – que eu, pessoalmente, não concordo. Tem certas colocações dessas coisas de que a igreja trabalha que a gente procura uma argumentação para isso e, às vezes, a gente não encontra; como você vai

encontrar uma justificativa para a mulher não poder celebrar uma missa? Só porque os apóstolos eram homens. Não!! Tinham mulheres também que seguiam Jesus, mas não foi registrado por causa dessa sociedade machista em que eles viviam. Sempre colocando isso.

Observamos aqui, dois pontos de vista bastante singulares. Rita afirma que as mulheres têm um papel muito “ativo” no interior da Igreja, principalmente no cuidado com as camadas mais jovens. Além disso, ao conviver com as crianças, ela percebe que são as mães que levam seus filhos para Igreja.

Laura, no entanto, se expressa, inicialmente, sobre a questão do patriarcalismo na Igreja Católica. Seu depoimento corrobora a afirmação de Giddens:

A religião cristã é um tema decididamente masculino, tanto em seu simbolismo quanto em sua hierarquia.  
O caráter masculino desta não é um reflexo da visão autêntica de Deus, mas do fato de ela ter sido escrita por homens (GIDDENS, 2005, p.434).

Além das considerações feitas por Giddens, pudemos detectar, na fala de Laura, conexão das categorias de raça, classe social, gênero e religião. Isto porque, de acordo com McLaren (2000), tais questões devem ser vistas como resultado de lutas sociais mais amplas sobre signos e significações. Dentro de uma perspectiva pós-crítica de educação, não faz sentido pensar a religião de maneira isolada, uma vez que todas essas categorias sobre as quais questões de diversidade e diferença se constroem são produtos da cultura, história, ideologia e, sobretudo, das relações de poder.

## **FINALIZANDO, MAS NÃO CONCLUINDO...**

Ao pensarmos em religião, fica evidente que não podemos concebê-la de maneira isolada. No mundo atual, ao se refletir sobre religião, obrigatoriamente, necessita-se de uma aproximação com categorias tais como: classe social, gênero, raça/etnia etc.

Não se pode pensar a religião sem antes fazer referência às relações de poder que agem sobre os sujeitos e sociedades. Desta forma, ao mostrar as relações que se constroem no âmbito religioso, cria-se nos alunos um senso crítico que busca encontrar as raízes dos problemas. Conhecer a realidade germina, no indivíduo, um sentimento que busca a sua transformação.

Ao buscar uma educação que tenha uma perspectiva inter/ multicultural, tende-se a ressaltar o caráter conflitivo das práticas culturais, fato que pôde ser verificado nas discrepâncias dos depoimentos das professoras. Esse talvez seja o ponto de maior destaque do trabalho: trazer mais questionamentos que respostas, desconfiar, problematizar e desconstruir os consensos. Nas palavras de McLaren (2000, p.142) “O campo social está sempre aberto e nós devemos explorar suas fissuras, falhas, lacunas e silêncios”.

## **REFERÊNCIAS**

CANDAU, V. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In: \_\_\_\_\_(org.) **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001, pp. 237-50.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre – RS: ArtMed, 2005

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2005

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

PERESSON, M. Pedagogias e culturas. In: SCARLATELLI; STRECK; FOLLMANN. **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo – RS: UNISINOS, 2006, pp 57-108.

STRECK, D. Educação e argumentos de transcendência. In: SCARLATELLI; STRECK; FOLLMANN. **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo – RS: UNISINOS, 2006, pp 135-59.

TEIXEIRA, F. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI; STRECK; FOLLMANN **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo – RS: UNISINOS, 2006, pp 29-40.

## **ESQUEMA DE APRESENTAÇÃO DO PÔSTER**

Título

Autores

Introdução

Resultados e discussões

Metodologia

Considerações

Bibliografia

Agencia Financiadora